

Carta aberta a companheira Federica Montseny

Camillo Berneri

Querida companheira,

Tinha a intenção de me dirigir a todos vocês, companheiros ministros, mas agora com a caneta em mãos, espontaneamente decidi me dirigir somente a você e não quero contrariar esse impulso, pois é uma boa regra, nesses assuntos, seguir o instinto.

O fato que eu não coincida sempre contigo não te maravilha nem te irrita e você tem se mostrado cordialmente esquecida às críticas que geralmente não foram do seu gosto, por considerá-las injustas e excessivas, o que é tão natural quanto humano. Não é uma pequena qualidade, aos meus olhos, e demonstra a natureza anarquista do seu espírito. Delas estou certo e compensam bastante, em nome da minha amizade, as idiosincrasias ideológicas que você manifesta em seus artigos de estilo personalíssimo e em seus discursos de eloquência admirável.

Eu não poderia ficar tranquilo ao ver sua comparação entre o anarquismo bakuninista e o republicanismo federalista de Pi y Margall. E não te perdoo por ter escrito que “o verdadeiro construtor da Rússia atual não foi Lenin, mas sim Stálin, espírito realizador, etc., etc.” Eu aplaudi a resposta de Volin publicada em *Terre Libre*, para sua inexata afirmação sobre o movimento anarquista russo.

Mas não são essas questões que quero tratar. Sobre elas e muitos outros assuntos nossos espero um dia ter a ocasião de discutir pessoalmente contigo. Se me

dirijo a você em público é por assuntos infinitamente mais graves, para te lembrar de enormes responsabilidades das quais talvez você não tenha se dado conta devido à sua modéstia.

No discurso de 3 de janeiro, você dizia:

“Os anarquistas entraram no governo para impedir que a revolução se desviasse e para continuá-la para além da guerra e também para opor-se a qualquer tentativa ditatorial, independente qual seja.”

Então, companheira, em abril, depois de três meses de experiência colaboracionista, estamos em uma situação na qual ocorrem fatos graves e se anunciam outros piores.

Ali onde – como em Vasconia, Levante e Castilla – o nosso movimento é impotente em forças de base, ou seja, não criou sindicatos vastos e não tem uma preponderante adesão das massas, a contrarrevolução avança e ameaça esmagar tudo. O governo está em Valência, e dali é onde partiram guardas de assaltos destinados a desarmar os núcleos revolucionários de defesa. Recordar-se de Casas Viejas, pensando em Vilanesa¹. São da Guarda Civil e da

¹ Alusão ao Massacre de Casas Viejas, ocorrido em 1933, insurreição barbaramente reprimida e ao massacre ocorrido na vila de Vilanesa, em

Guarda de Assalto aqueles que conservam as armas e é aqui na retaguarda que devem controlar os “incontroláveis”, desarmando qualquer núcleo revolucionário que tenha alguns poucos fuzis e revólveres. Isso ocorre enquanto o *front* interno não foi liquidado. Isso ocorre enquanto há uma guerra civil em curso em que qualquer surpresa é possível e em uma região na qual o *front* está bem próximo, é muito irregular em seu traçado e não é matematicamente seguro. Isso ocorre enquanto é nítida a distribuição política do armamento, que afirma apenas dar o que é “estritamente necessário” (esperamos que venha a ser dito claramente o que é “estritamente necessário”) para a frente de Aragão, a guarda armada da coletivização agrária em Aragão e o contraforte do Conselho de Aragão e da Catalunha, a Ucrânia Ibérica. Você está em um governo que ofereceu para a França e a Inglaterra vantagens no Marrocos, quando desde julho de 1936 era necessário oficialmente proclamar a autonomia política marroquina. Imagino o que você pensa, como anarquista, sobre esse assunto estúpido e desprezível, mas chegou a hora de você e os demais ministros anarquistas publicizarem que não concordam com a natureza e o teor dessas propostas.

Em 24 de outubro de 1936, eu es-
1937 (N.T.).

crevi em *Guerra di classe*:

“A base das operações do exército fascista é Marrocos. Portanto, é necessário intensificar a propaganda a favor da autonomia marroquina sobretudo na área de influência pan-islâmica. É necessário exigir ao governo de Madri declarações inequívocas da sua vontade de deixar Marrocos, assim como de proteger a autonomia marroquina. A França vê com preocupação a possibilidade de respostas insurrecionais na África Setentrional e na Síria e a Inglaterra acredita que será um incentivo para a agitação autonomista no Egito e dos árabes na Palestina. É necessário aproveitar tais preocupações, com uma política que ameace desencadear a revolta no mundo islâmico. Para tal política, é necessário financiar e enviar agitadores e organizadores a todos os centros de emigração árabe e em todas as zonas de fronteira do Marrocos francês. Em todas as frentes de Aragão, do Centro, Astúrias e Andaluzia, bastarão alguns marroquinos exercendo a função de propagandistas, dispondo de rádio, materiais impressos etc.”

É evidente que não é possível ga-

rantir os interesses dos ingleses e dos franceses no Marrocos e ao mesmo tempo fazer o trabalho insurrecional. Valência continua a política de Madri. É necessário que isso mude. É necessário, para mudar, dizer clara e fortemente todo nosso pensamento, porque em Valência atuam forças que tendem a fazer um pacto com Franco.

Jean Zyromsky escreve em *Le Populaire* de 3 de março:

“Essas manobras são visíveis e tendem à conclusão de uma paz que, na realidade, significaria não somente deter a revolução espanhola como inclusive anular as conquistas sociais já realizadas. “Nem Largo Caballero, nem Franco!” tal seria a fórmula que expressaria sinteticamente uma concepção que existe e eu não estou certo de que ela não tenha a anuência em certos meios políticos, diplomáticos e inclusive governamentais na Inglaterra e também na França.”

Essas forças, essas manobras, explicam vários pontos obscuros: por exemplo, a passividade da Marinha na guerra leal. A concentração das forças provenientes do Marrocos, a pirataria das Canárias e das Baleares, a tomada de Málaga, não são senão consequências. E a guerra não terminou! Se Prieto é incapaz e indolente, por que tolerá-

-lo? Se Prieto está ligado a uma política que paralisa a Marinha, por que não denunciar essa política?

Vocês, ministros anarquistas, fazem discursos eloquentes e escrevem brilhantes artigos, porém não é com discursos e artigos que se vence a guerra e se defende a revolução. Tanto uma quanto outra se vence e se defende permitindo a passagem da defensiva para a ofensiva. A estratégia de posições não pode se eternizar. O problema não se resolve lançando palavras de ordem, como “mobilização geral”, “armas ao *front*”, “comando único”, “exército popular” etc. O problema se resolve realizando imediatamente o que pode ser feito. Segundo *La Dépeche* de Toulouse de 17 de janeiro: “A grande preocupação do Ministro do Interior é restabelecer a autoridade do Estado sobre a dos grupos e sobre os incontroláveis de todas as tendências.”

É evidente que, embora houve o empenho durante meses de aniquilar os “incontroláveis”, a “Quinta Coluna”² não foi eliminada. A eliminação do *front* interno tem por prévia condição uma atividade de investigação e de repressão que não pode ser cumprida a não ser por revolucionários experien-

² “Quinta coluna” foi uma expressão criada em meio a Guerra Civil Espanhola para designar um certo grupo social simpatizante ao golpe que atuava no interior das zonas controladas pelas forças antifascistas (N. T.).

tes. Uma política interna de colaboracionismo entre classes e de adulação às classes médias conduz inevitavelmente à tolerância com elementos políticos equívocos. A “Quinta Coluna” está constituída, não somente por elementos pertencentes aos quadros fascistas, mas também por todos os descontentes que aspiram a uma república moderada. São estes últimos os que se aproveitam da tolerância dos caçadores dos “incontroláveis”.

A eliminação do *front* interno tem por condição prévia uma atividade ampla e radical dos comitês de defesa constituídos pela CNT e pela UGT.

Nós assistimos à penetração nos quadros dirigentes do exército popular de elementos equívocos, sem nenhuma relação com organizações políticas ou sindicais. Os comitês e os delegados políticos das milícias exerciam um bom controle. Hoje está debilitado devido o predomínio de um sistema de nomeação e de promoções centralizado e estritamente militar. É necessário, portanto, reestabelecer a elegibilidade direta e o direito de destituição pela base.

E poderia continuar tratando desse tema.

Erro gravíssimo foi aceitar as fórmulas autoritárias, não pelo o que elas formalmente são, mas sim porque nos levam a enormes erros e a fins políticos que nada tem a ver com as necessida-

des da guerra.

Tive a oportunidade de falar com altos oficiais italianos, franceses e belgas, e constatei que eles mostraram ter necessidades reais da disciplina e uma concepção muito mais moderna e racional do que a de certos neo-generais que se pretendem realistas.

Acredito que é a hora de constituir um exército confederal, como o Partido Comunista constitui seu próprio corpo: o Quinto Regimento das milícias populares. Acredito que é a hora de resolver o problema do comando único, realizando uma efetiva unidade que permita passar à ofensiva no *front* aragonês. Acredito que é a hora de terminar com o escândalo de milhares de guardas civis e guardas de assalto, que não vão ao *front* porque se dedicam a controlar os “incontroláveis”. Acredito que é a hora de criar uma séria indústria de guerra. E acredito que é a hora de terminar com certas excentricidades estridentes: como aquela a respeito do repouso dominical e de certos “direitos operários” que sabotam a defesa da revolução.

É necessário, antes de tudo, manter elevado o espírito dos combatentes.

Luigi Bertoni, sendo intérprete dos sentimentos expressados por vários companheiros italianos combatentes no *front* de Huesca, escrevia não faz muito tempo:

“A guerra da Espanha despossuída de toda fé nova, de toda ideia de transformação social, de toda grandeza revolucionária, de todo sentido universal, não é mais que uma vulgar guerra de independência nacional, que é necessária para evitar o extermínio que a plutocracia mundial se propõe. Fica a terrível questão de vida ou morte, mas não é mais uma guerra de afirmação de um novo regime ou de uma nova humanidade. Dir-se-ia que ainda tudo não está perdido, mas na realidade tudo está ameaçado e comprometido, e os nossos companheiros adotam uma linguagem de renunciadores, o mesmo que tinha o socialismo italiano frente ao avanço do fascismo: “Cuidado com as provocações!”, “Calma e serenidade!”, “Ordem e disciplina!”. Todas as coisas que praticamente se resumem em: deixe estar. E como na Itália o fascismo terminou por triunfar, na Espanha o antissocialismo, com roupagem republicana, não sairá menos do que vencedor, a menos que ocorram acontecimentos que escapam às nossas previsões. É inútil acrescentar que nós constatamos, sem entrar em condenações aos nossos companheiros, cuja conduta não sabemos dizer como poderia ser de forma dife-

rente e eficaz, enquanto a pressão italiana e alemã cresce no *front* ao mesmo passo que a bolchevização na retaguarda.”

Eu não tenho a modéstia de Luigi Bertoni. Tenho a presunção de afirmar que os anarquistas espanhóis poderiam ter uma linha política diferente da que prevalece e pretendo aconselhar algumas linhas gerais de conduta, atento às experiências das grandes revoluções recentes e ao que leio na própria imprensa libertária espanhola.

Creio que você deve considerar o problema de saber aonde defende melhor a revolução, se contribui mais na luta contra o fascismo participando do governo ou se não seria infinitamente mais útil levando a chama da sua magnífica palavra entre os combatentes e na retaguarda.

Chegou a hora inclusive de esclarecer o significado unitário que pode ter sua participação no governo. É necessário falar com as massas e chamá-las a julgarem se tinha razão Marcel Cachin, quando declara (*L'Humanité*, 23 de março):

“Os representantes anarquistas multiplicam seus esforços unitários e seus chamados são ouvidos em forma crescente” ou se tem razão *Pravda* e *Izvestia*, quando caluniam os anarquistas

espanhóis tratando-os de sabotadores da unidade. Chamar as massas também para julgarem a cumplicidade moral e política do silêncio da imprensa anarquista espanhola sobre os delitos ditatoriais de Stálin, das perseguições aos anarquistas russos e os monstruosos processos contra a oposição leninista e trotskista, silêncio recompensado e com mérito pelas difamações da *Izvestia* contra Solidaridad Obrera de Barcelona. Chamar as massas para julgarem se certas manobras de sabotagem do abastecimento não entram no plano anunciado em 17 de dezembro de 1936, em *Pravda*: “Enquanto na Catalunha, começou a limpeza de elementos trotskistas e anarcossindicalistas, trabalho que será levado a cabo com a mesma energia com que foi levado na URSS.”

É hora de se dar conta que se os anarquistas estão no governo para serem *vestais* de um fogo quase extinto ou se, então, estão para servir de barrete da liberdade³ a politikeiros que

3 “Barrete da liberdade” ou “barrete frígio” é um tipo de carapuça que se tornou símbolo da liberdade ao longo do século XIX e XX, sendo representada em várias iconografias. Por exemplo, no famoso quadro de Eugène Delacroix, *A liberdade guiando o povo*, Marianne, a encarnação da Revolução Francesa, está utilizando um barrete da liberdade. (N. T.)

flertam com o inimigo ou com as forças da restauração da “república de todas as classes”. O problema se apresenta com a evidência de uma crise que ultrapassa aos atores representativos que hoje ocupam o cenário.

O dilema *Guerra ou Revolução* já não faz mais sentido. O único dilema é esse: ou a vitória sobre Franco graças a guerra revolucionária ou a derrota.

O problema para ti e para os outros companheiros é de escolher entre a Versalhes de Thiers ou a Paris da Comuna, antes que Thiers e Bismark façam a união sagrada⁴.

Cabe a ti responder, porque “és a luz escondida”⁵.

Fraternalmente,

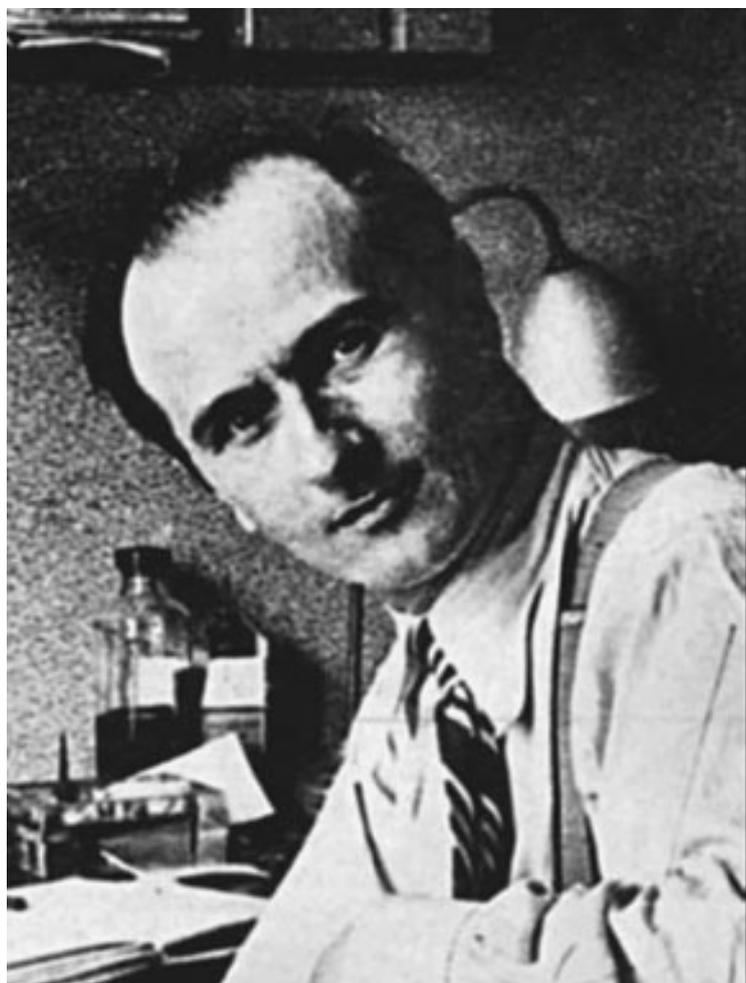
Camillo Berneri

4 Alusão ao contexto da Comuna de Paris. Em meio à guerra entre França e Prússia, trabalhadores tomaram o controle da capital francesa, obrigando o governo francês a exilar-se em Versalhes. Para reprimir a insurreição operária, o governante francês Thiers e o governante prussiano Bismark fizeram um pacto para interromper a guerra (N. T.).

5 Segundo Carlos Rama, trata-se de uma alusão a uma passagem bíblica, encontrada em Mateus 5: 14,15: “Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa.” (N. T.).

O texto que você acabou de ler foi publicado no dia 14 de abril de 1937, três semanas antes do assassinato do autor. Camillo Berneri foi morto em circunstâncias mal explicadas, nos eventos que ficaram conhecidos como os “acontecimentos de maio”. O pouco que se sabe relaciona a morte do anarquista italiano às ações da Tcheka naquele fatídico mês, em que a polícia secreta soviética executou diversos militantes de esquerda opositores do stalinismo. Como o próprio Berneri alertou no seu texto, ao citar literalmente o que o Pravda (órgão oficial da URSS), publicou em dezembro de 1936: “Enquanto na Catalunha, começou a limpeza de elementos trotskistas e anarcossindicalistas, trabalho que será levado a cabo com a mesma energia com que foi levado na URSS.”

Essa demonstração de olhar atento para a leitura da realidade, visível até na capacidade macabra de prever sua própria morte, foi uma das marcas de Camillo Berneri. Nascido em Lodi, em 1897, aproximou-se do anarquismo depois do fim da Primeira Guerra Mundial, após fazer parte da Juventude Socialista. Desde esse momento até sua morte, manteve sempre uma postura independente e antidog-



mática, ao preocupar-se com o diálogo do anarquismo com seu entorno e não com uma cartilha de princípios. Seus escritos podem ser lidos até hoje como uma fonte de inspiração para as pessoas preocupadas com um anarquismo dinâmico, sempre adaptando-se às mudanças de contexto.

Todavia, engana-se quem pensa que Camillo Berneri era apenas um intelectual. Foi um destacado opositor do regime de Mussolini, exilando-se em 1926. No exterior, fomentou a organização do antifascismo no exílio, destacando-se sobretudo nas tarefas de contraespionagem,

identificando os policiais infiltrados por Mussolini para relatar as ações dos antifascistas exilados. Por isso, foi preso na Bélgica, na Holanda, na França e em Luxemburgo. Com a eclosão da Revolução Espanhola, Berneri ajuda a organizar a milícia dos voluntários italianos, associada à Coluna Ascaso, sendo eleito por seus pares como delegado responsável pela milícia de agosto a dezembro de 1936. A partir de outubro, passa a publicar o jornal *Guerra di Classe*, no qual escreve diversos artigos analisando com profundidade os eventos da Revolução Espanhola. Um

dos artigos publicados neste jornal é o texto que publicamos aqui, na nossa revista.

Acreditamos que Camillo Berneri, pouquíssimo conhecido no Brasil, é uma das tantas figuras esquecidas que valem muito a pena recuperarmos. Sobretudo para quem está interessado em um anarquismo que esteja com os dois pés no chão, atento para a realidade tanto em sua prática quanto na teoria.

Eduardo Cunha